

PLANTAS DANINHAS DO BRASIL MERIDIONAL

IRINA SCHEMTSCHUSCHNIKOWA E
SÔNIA MACHADO DE CAMPOS
INSTITUTO DE BOTÂNICA - S. PAULO

RESUMO

Abrangemos, em nossos estudos, sob a designação de "plantas daninhas", todas as plantas que surgem espontaneamente nas culturas, competindo com as plantas cultivadas pelo substrato e fatores ambientais.

Uma vez que a ocorrência e intensidade da invasão das plantas daninhas depende em grande parte da eficiência de seus órgãos de propagação, a primeira parte de nosso trabalho é dedicada ao estudo dos diversos dispositivos de propagação das plantas daninhas. Subdividimo-los em grupos, todos êles reproduzidos em desenhos a bico de pena.

A segunda parte compreende um estudo da fenologia das plantas daninhas nas suas fases principais: desenvolvimento vegetativo, floração, frutificação e duração da vida. Apresenta uma subdivisão das plantas segundo essas características e está ilustrado por espectros fenológicos das 20 plantas pesquisadas nesse sentido.

A terceira parte é o levantamento das plantas daninhas das várias culturas do litoral e parte do interior do Estado de São Paulo e, em alguns casos, de Minas Gerais, Goiás, Paraná e Rio Grande do Sul. Êsse levantamento foi efetuado segundo os métodos empregados em fitossociologia, computando-se a cobertura vegetal, freqüência, sociabilidade, vitalidade (expressa em termos de agressividade) e periodicidade das plantas daninhas, num total de 354 espécies.

Êste trabalho já está em fase final de redação e deverá ser brevemente publicado pelo Instituto de Botânica de São Paulo. À medida que estava sendo elaborado, foi apresentado como nota prévia em vários congressos da Sociedade Botânica do Brasil.

Para os dados de periodicidade (fenologia), utilizamos, além das nossas observações, dados obtidos na literatura especializada.

Esse capítulo é precedido por uma explicação sumária do significado desses dados fitossociológicos, além de uma caracterização também resumida das condições ambientais gerais da região que nosso estudo abrange.

Pelos resultados desse levantamento, chegamos às seguintes conclusões:

- 1º - Existe um determinado número de espécies que se apresentam invariavelmente em todos os campos cultivados, constituindo o que denominamos de "plantas caracterizantes" da vegetação daninha desses campos. São, na sua maioria, plantas cosmopolitas, tais como *Portulaca oleracea*, *Stelaria media*, *Solanum nigrum*, *Bidens pilosa* ou cosmopolita dos países tropicais, como *Commelina nudiflora* ou ainda nativas, como *Richardsonia brasiliensis*.
- 2º - Outras espécies, embora não sejam onipresentes, representam verdadeira praga nos lugares onde vegetam, devido a sua alta agressividade. Em geral são plantas introduzidas, que uma vez chegadas ao nosso solo, aclimataram-se perfeitamente a ele, competindo com sucesso mesmo contra as plantas nativas. Estão entre estas *Cyperus rotundus* (tiririca) e *Brachiaria purpurascens* (capim Angola) e *Pennisetum clandestinum* (capim "kikuiu").
- 3º - Outro grupo é representado pelas espécies que raramente aparecem nas culturas, condicionando-se sua presença mais às condições ecológicas da região do que às condições da cultura. É este o caso das Aráceas e Pteridófitas encontradas em terras úmidas e sombreadas, ricas em matéria orgânica e de certas espécies cuja distribuição se limita às regiões litorâneas, de clima quente e úmido, tais como *Adiantum tetraphyllum*, *Cordia curassavica* e *Stigmaphyllon ciliatum*.
- 4º - Finalmente, podemos dizer que a vegetação daninha é uma consequência das condições ecológicas criadas artificialmente pelo homem, nas culturas, aliada à eficiência dos órgãos de propagação das plantas daninhas que lhes permitem migrar das áreas onde surgem para a cultura e ainda lhes possibilita sobreviver a a traço, pois muitas delas não são susceptíveis.

A quarta parte de nosso trabalho trata da descrição sistemática de todas as plantas daninhas abrangidas pelo levantamento fitossociológico.

Essas descrições estão baseadas em nossas observações e nas descrições encontradas na literatura.

Essa última parte representa um meio de facilitar ao leitor a identificação das plantas daninhas. Por essa razão, acrescentamos a elas a distribuição geográfica das espécies e alguns dos nomes vulgares pelos quais são conhecidas no Brasil, além de alguns sinônimos que conseguimos detectar.

Noventa e sete dessas espécies estão ilustradas em estampas coloridas a aquarela, em desenhos a bico de pena ou fotografias, que serão publicados posteriormente.

NOTA: Assinalamos que o presente estudo se destina apenas a ampliar o conhecimento das características das plantas daninhas, com o que pretendemos poder fornecer dados elucidativos à botânica aplicada, a fim de que possam ser elaborados métodos para seu combate.

DISCUSSÃO

- 1 - René de Vita - Solicitou informação se havia estudos sobre a correlação existente entre a ocorrência de certas ervas daninhas e a fertilidade do solo.

Uma das autoras esclareceu que, apesar de um estudo detalhado sobre esse assunto, ainda não havia sido realizado. É sabido que a presença de certas pragas indicam a pobreza do solo em fertilizantes, bem como dá uma idéia do seu grau de acidez. Citou o caso do "sapé" (*Imperata brasiliensis*) e da samambaia das taperas (*Pteridium aquilinum*) que vegetam em terra ácida, enquanto que a ocorrência do Capim Kikuiu (*Pennisetum clandestinum*) por exemplo, é uma indicação de solo praticamente neutro.

- 2 - Moyses Kramer - Perguntou se no levantamento das plantas daninhas que ocorre no Brasil Meridional havia sido encontrada a "tiririca" (*Cyperus scolymus*, além de *C. caudatus*).

Irina Schemtschuschnikowa, informou que apenas *Cyperus rotundus* deve ser considerada "tiririca".

- 3 - José da Costa Sacco - Manifestou-se favorável à denominação de "tiririca" para ambas as espécies de *Cyperus* e justificou a sua opinião lembrando que o nome vulgar não considera as minúcias sistemáticas.